

---

## **A Educomunicação no contexto ambiental: uma abordagem teórica sobre uma articulação necessária<sup>1</sup>**

Emanuelle Caroline Candido da COSTA<sup>2</sup>

Sara Espírito Santo de PAULA<sup>3</sup>

Stefani da Silva Vieira FIXINA<sup>4</sup>

Thiago Cury LUIZ<sup>5</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Mato Grosso, MT

### **RESUMO**

O trabalho em tela tem o objetivo de identificar as aproximações entre o paradigma educacional, os pressupostos da Educação Ambiental e a pedagogia freireana. Para tanto, a concepção metodológica que guia o estudo é pautada pela pesquisa bibliográfica, com a constituição de grupo de estudos para leitura e discussão conjunta de textos que versam sobre os eixos epistemológicos da proposta. Durante o segundo semestre de 2022 e os seis primeiros meses de 2023, organizamos sessões de leituras e debates, a partir das quais estudantes de mestrado e graduação abriram os encontros quinzenais com comentários iniciais, ensejando as reflexões vindas na sequência. Dessa forma, identificamos que, em uma perspectiva de pesquisa empírica, parece ser promissor a conjunção teórica, promovendo a educomunicação ambiental popular.

**Palavras-chave:** Educomunicação; Meio Ambiente; Educação Ambiental; Educação Popular.

### **1. Introdução**

Nos últimos anos, o país registrou uma escalada nos índices de destruição ambiental. Em 2022, o desmatamento na Amazônia chegou a 10,5 mil km<sup>2</sup>. Entre 2019 e 2022, mais de 35 mil km<sup>2</sup> foram destruídos. Pará, Amazonas e Mato Grosso lideram o ranking (PONTES, 2023).

Com isso, as queimadas também aumentam, gerando mais gases de efeito estufa (GEEs). De 1985 a 2020, o Brasil queimou, por ano, uma área equivalente ao território

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 06 Interfaces Comunicacionais, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado, de 4 a 8 de setembro de 2023, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), em Belo Horizonte.

<sup>2</sup> Graduanda em Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus Cuiabá. E-mail: [emanuelcarolinec@gmail.com](mailto:emanuelcarolinec@gmail.com).

<sup>3</sup> Publicitária e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: [saraespsanto@gmail.com](mailto:saraespsanto@gmail.com).

<sup>4</sup> Graduanda de Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus Cuiabá. E-mail: [stefanicapi1@gmail.com](mailto:stefanicapi1@gmail.com).

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor Adjunto II do Departamento de Comunicação e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM). E-mail: [thiago.lui@ufmt.br](mailto:thiago.lui@ufmt.br).

---

da Inglaterra: aproximadamente 151 mil km<sup>2</sup> a cada 365 dias. O acumulado chega a quase um quinto da área brasileira, atingindo 65% da mata nativa. O estado que encabeça o dado é Mato Grosso, contribuindo, assim, para que o Pantanal seja o bioma mais destruído pelo fogo (MAPBIOMAS, s/d).

O problema da emergência climática, portanto, impacta a todos, mas desdobra os maiores efeitos sobre as populações em situação de vulnerabilidade, razão pela qual se discutem os conceitos de “racismo climático” (RANGEL, 2016) e “justiça climática” (TORRES et al., 2021).

Do ponto de vista comunicacional, outro eixo epistemológico deste estudo, a internet é acessível para 90% dos domicílios brasileiros, constatou levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021, uma elevação de seis pontos percentuais em relação ao ano de 2019 (NERY & BRITTO, 2022).

Em aferição realizada pela Comscore, o Brasil aparece na terceira colocação entre os países que mais consomem redes sociais, perdendo apenas para Indonésia e Índia. Ao final de 2022, eram mais de 131 milhões de usuários conectados a alguma plataforma digital, em uma média, por usuário, de 46 horas diárias de navegação, um aumento de 31% em relação a janeiro de 2020 (PACETE, 2023).

Sendo assim, é preciso considerar o papel da educomunicação (SOARES, 2014; MARTIN-BARBERO, 2014) na iniciativa de produzir e fazer circular conteúdos genuínos, produzidos pelas pessoas que são prejudicadas pela ação que destrói o meio ambiente, a partir de uma interação dialógica e popular (FREIRE, 2013; 2014; 2018).

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é identificar as intersecções entre a educomunicação socioambiental e os pressupostos da pedagogia freireana. De modo específico, objetivamos pontuar alternativas comunicacionais na abordagem da emergência climática. Para tanto, esta pesquisa responderá ao seguinte problema: por que os parâmetros propostos por Paulo Freire sustentam o paradigma da Educomunicação?

O presente texto, além desta seção introdutória, traz uma abordagem epistemológica sobre os temas centrais da proposta, além de uma discussão conceitual sobre a concepção metodológica do estudo e seus elementos procedimentais. Por fim,

---

trazemos um tópico de considerações a respeito da travessia do grupo e as referências bibliográficas que nos pautaram.

## 2. Parâmetros epistemológicos

A educomunicação incorpora elementos tanto da educação quanto da comunicação, visando fortalecer a capacidade das pessoas de se expressarem e se comunicarem de maneira efetiva, fazendo uso de diversas mídias e tecnologias disponíveis. “No caso, a Educomunicação dialoga com a Educação, tanto quanto com a Comunicação, ressaltando, por meio de projetos colaborativamente planejados, a importância de se rever os padrões teóricos e práticos pelas quais a comunicação se dá” (SOARES, 2014, p. 24). Para conceituar a educomunicação é necessário entender o diálogo como uma parte do processo de construção de interação ativa, onde a compreensão mútua e a colaboração dos envolvidos fazem parte do processo educativo

Uma das questões trazidas à luz pelos educadores nos últimos anos diz respeito ao fato de a palavra estar centralizada no professor, ficando o aluno na condição de expectante. Caso típico de monólogo que, muitas vezes, insinua promover diálogo. Para muitos, as tecnologias digitais permitiriam romper tal ciclo, pois são vocacionadas à dispersão discursiva e à viabilidade de muitos pronunciamentos se cruzarem, permitindo ampliação democrática e rompendo com o circuito monólogo. (CITELLI, SOARES & LOPES, 2019, p. 17)

Nem sempre o diálogo tem o poder da comunicação, quando a mensagem acontece de forma unidirecional, isto é, havendo apenas um interlocutor o diálogo perde o sentido de interação e passa a ser uma transmissão. O significado da comunicação é inexistente, e de nada tem a ver com educomunicação.

De acordo com Citelli, Soares e Lopes (2019), mesmo a partir do contato entre duas pessoas o conhecimento pode ficar comprometido, caso não haja o entendimento da relevância que uma e outra possuem na relação dialógica. Para os autores, se a partir da conversação acontece uma troca em que é possível haver uma abertura, então o diálogo se associa a comunicação e educação (CITELLI, SOARES & LOPES, 2019).

Segundo Paulo Freire (1977, p. 39-40 *apud* PERUZZO *et al.*, 2022, p. 36), a ideia da "presença da pessoa no mundo" implica que a pessoa não apenas existe no mundo, mas também interage de maneira ativa e significativa com ele. Isso implica um contínuo processo de "enfrentamento da realidade" e, como consequência, em agir de forma intencional sobre essa realidade. Em outras palavras, para Freire, estar presente

---

no mundo significa não apenas existir passivamente nele, mas, sim, estar constantemente engajado em compreender, refletir e tomar medidas que impactam a realidade circundante.

Para ele, o diálogo como fenômeno é a palavra, mas apenas a palavra verdadeira é transformadora. A palavra é mais do que um meio para que o diálogo se faça, pois há que se buscar os elementos que o constituem, quais sejam: “ação e reflexão”, em outros termos, é a práxis. A práxis é, então, para Freire “a palavra verdadeira” que significa ser capaz de transformar o mundo. (FREIRE, 2019, p.107 apud PERUZZO *et al.*, 2022, p. 36).

A educomunicação valoriza a participação ativa, a produção coletiva de conhecimento e a construção de narrativas que reflitam a diversidade de perspectivas e vozes. Trata-se da promoção do diálogo, da reflexão crítica e da mobilização social, e busca transformações que destaquem a alfabetização, a expressão, o que faz da prática um elemento solidário, “fator de aprendizagem que amplie o número dos sujeitos sociais e políticos preocupados com o reconhecimento prático, no cotidiano da vida social, do direito universal à expressão e à comunicação” (SOARES, 2014, p. 24).

A pesquisa participativa, por sua vez, envolve ativamente as pessoas que são objeto de estudo em todo o processo de pesquisa, fazendo dela uma opção metodológica para o desenvolvimento de dinâmicas educacionais. É levado em consideração que a participação de cada indivíduo contribui de maneira significativa na produção do conhecimento, já que ela reconhece que as pessoas têm conhecimentos, experiências e perspectivas valiosas, havendo, aqui, um elemento de encontro com a educação dialógica (FREIRE, 2013; 2014; 2018). Por meio da investigação e dos contatos entre conhecimentos múltiplos, “uma forma partilhável de compreensão da realidade social pode ser construída. Os conhecimentos científico e popular articulam-se criticamente em um terceiro conhecimento novo e transformador” (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 54).

Por promoverem a formação crítica das pessoas envolvidas e ajudar a construir relações de poder mais igualitárias, além de compartilhar princípios fundamentais de participação, diálogo e transformação social, “é a possibilidade de transformação de saberes, de sensibilidades e de motivações populares em nome da transformação da

---

sociedade desigual, excludente (...), em nome da humanização da vida social” (BRANDÃO; BORGES, 2007, p. 55).

A educação ambiental desempenha um papel crucial no contexto da educomunicação como meio de transformação social. Através da integração dessas áreas é possível abordar questões ambientais complexas de maneira acessível e participativa, visando não apenas a disseminação de informações, mas também a conscientização e a ação coletiva.

Para Sorrentino (2005, p. 287), a educação ambiental, em específico, ao educar para a cidadania, pode construir a possibilidade da ação política, no sentido de contribuir para formar uma coletividade que é responsável pelo mundo que habita. Sendo assim, a participação ativa promove o empoderamento das comunidades e a mobilização social através da educomunicação e constrói ações educacionais contextualizadas, adaptadas às realidades locais e às necessidades das comunidades.

Essa forma de educação vai além da simples transmissão de informações e estatísticas acerca do meio ambiente. Seu enfoque está na construção de uma mentalidade crítica e comprometida “a qual tem por finalidade abrir espaços que possam contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos seres humanos e de todas as espécies e sistemas naturais com os quais compartilhamos o planeta ao longo dos tempos” (SORRENTINO, 2005, p. 288).

Através da educação ambiental, as pessoas não apenas adquirem um entendimento mais profundo dos desafios ambientais que enfrentamos, mas também são capacitadas a considerar as implicações éticas e políticas de suas ações no mundo natural. A educação ambiental não é um processo isolado, ela se entrelaça com as realidades políticas e sociais, enfatizando a distribuição equitativa dos benefícios e custos decorrentes da exploração e utilização dos recursos naturais (SORRENTINO, 2005).

A educação ambiental entra nesse contexto orientada por uma racionalidade ambiental, transdisciplinar, pensando o meio ambiente não como sinônimo de natureza, mas uma base de interações entre o meio físico- biológico com as sociedades e a cultura produzida pelos seus membros. (SORRENTINO, 2005, p. 289)

---

Ao reconhecer a política como um elemento inseparável do discurso ambiental, a educação ambiental se torna um veículo de conscientização que inspira a participação cidadã informada e ativa. Ela não apenas fornece informações sobre as interações entre sociedade e natureza, mas também promove uma análise crítica das estruturas de poder subjacentes às decisões ambientais.

Assim, ao integrar valores éticos e dimensões políticas na educação ambiental, é possível fomentar um engajamento mais profundo e significativo na busca por soluções sustentáveis, contribuindo para uma mudança de paradigma que respeite, proteja e equilibre o ambiente natural para as gerações presentes e futuras.

### **3. Aspectos metodológicos**

No aspecto metodológico deste trabalho, segundo Sato (2011), a metodologia vai direcionar o caminhar tanto na parte teórica, quanto na prática da pesquisa. Neste estudo, a concepção metodológica adotada será de natureza exploratória, com conotação qualitativa, intitulada “pesquisa bibliográfica”.

Para Gil (2002), a pesquisa bibliográfica deve ser realizada principalmente em livros e artigos científicos, havendo, na maior parte dos estudos, um empreendimento desta natureza. Desta forma, a principal vantagem em realizar a pesquisa bibliográfica é a possibilidade de acessar de forma abrangente, dados e fenômenos que poderiam passar despercebidos em outra técnica de pesquisa (GIL, 2002).

De acordo com Stumpf (2005), a pesquisa bibliográfica pode ser definida como um conjunto de procedimentos com o objetivo de detectar dados bibliográficos de acervos e autores que já realizaram pesquisas sobre o mesmo tema, selecionar informações e documentos que se relacionam com o tema e realizar o fichamento das referências identificadas a fim de que sejam futuramente utilizadas no texto acadêmico.

Stumpf (2005) identifica que a revisão bibliográfica está presente desde a concepção até a conclusão do texto acadêmico, e a consulta à literatura se faz necessária desde a identificação do problema de pesquisa, como também nos objetivos do estudo e na fundamentação teórica e metodologia.

Para Souza, Oliveira e Alves (2021), a pesquisa bibliográfica está calcada no estudo do que já foi publicado enquanto conhecimento, dando ao pesquisador a possibilidade de se apropriar, no domínio da leitura, do que está sendo analisado e

---

sistemizado. Com isso, o cientista reflete e escreve sobre o material estudado (SOUZA, OLIVEIRA & ALVES, 2021).

As reflexões apresentadas neste artigo surgiram a partir dos estudos realizados no Projeto de Pesquisa intitulado “Educomunicação socioambiental e emergência climática: diálogos entre narrativas comunicacionais e educação popular”, ligado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). O objetivo é identificar e propor produções comunicacionais acerca do meio ambiente em escolas urbanas ou rurais de Mato Grosso, a próxima etapa da presente proposta. O grupo de estudos do projeto é constituído por acadêmicos de mestrado (1) e da graduação (4) da UFMT, além do coordenador (1), cujas pesquisas têm se concentrado nos temas abordados pelo projeto de pesquisa.

Desde 2022, a proposta se dedica à construção teórica acerca dos seguintes temas: educomunicação, educação popular, emergência climática, educomunicação socioambiental e educação ambiental. Já foram realizados 12 encontros do grupo de estudos, com duração entre 60 e 90 minutos cada, que aconteceram em formato remoto, a cada duas semanas, no segundo semestre de 2022 e no primeiro deste ano. A dinâmica de trabalho foi baseada no levantamento de referenciais teóricos que era realizado pelo nosso orientador, também responsável pela elaboração do cronograma de estudos.

Definido o cronograma, o professor indicou os responsáveis pelos comentários iniciais de cada texto que seria trabalhado ao longo do semestre. Os encontros aconteciam quinzenalmente, sempre às quartas-feiras. A cada encontro, um dos membros do grupo ficava responsável pela condução do debate teórico acerca do texto a ser discutido. Inicialmente, começamos as leituras por conteúdos relacionados a educomunicação, educação popular, educação ambiental e pesquisa participante, conforme apresentado na figura abaixo:

**Figura 1 - Cronograma de estudos de 2022**

DATA	TEXTO	COMENTÁRIO
13/10/2022	SOARES, Ismar de O. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. <i>Comunicação &amp; Educação</i> , n.2, jul./dez. 2014. p. 15-26. Disponível em: < <a href="https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037/87468">https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037/87468</a> >. Acesso em: 10 out. 2022.	Thiago
26/10/2022	CITELLI, Adilson; SOARES, Ismar de O.; LOPES, Maria I. V. de. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. <i>Comunicação &amp; Educação</i> , n. 2, p. 12-25, jul./dez. 2019. Disponível em: < <a href="https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330/159511">https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330/159511</a> >. Acesso em: 10 out. 2022.	Sara
09/11/2022	SORRENTINO, Marcos; TRAJBER, Rachel; MENDONÇA, Patrícia; FERRARO JUNIOR, Luiz A. Educação ambiental como política pública. <i>Educação e Pesquisa</i> , v.31, n.2, p. 285-299, mai./ago. 2005. Disponível em: < <a href="https://www.scielo.br/j/ep/a/WMXKtTbHxzVcgFmRybWtKrrr/?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/j/ep/a/WMXKtTbHxzVcgFmRybWtKrrr/?format=pdf&amp;lang=pt</a> >. Acesso em: 10 out. 2022.	Fabrício
22/11/2022	SATO, Michèle. Apaixonadamente pesquisadora em Educação Ambiental. <i>Educação: teoria e prática</i> , v.9, n.16, p. 24-35, jan./jun. 2001. Disponível em: < <a href="https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1600/1361">https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/1600/1361</a> >. Acesso em 10 out. 2022.	Alexia
07/12/2022	CALADO, Alder J. F. Educação Popular como processo humanizador: quais protagonistas? In: CRUZ, Pedro J. S. C.; VASCONCELOS, Ana Cláudia C. P. de; SOUSA, Luciana M. P. de; TÓFOLI, Adriana M. M. de A.; CARNEIRO, Daniela G. de B.; ALENCAR, Islany C (orgs.). <i>Educação Popular e nutrição social: reflexões e vivências com base em uma experiência</i> . João Pessoa-PB: UFPB, 2014, p. 355-375. Disponível em: < <a href="http://www.ccm.ufpb.br/vepopsus/wp-content/uploads/2018/02/Educa%C3%A7%C3%A3o-Popular-e-Nutri%C3%A7%C3%A3o-Social-Editora-da-UFPB-2014.pdf#page=356">http://www.ccm.ufpb.br/vepopsus/wp-content/uploads/2018/02/Educa%C3%A7%C3%A3o-Popular-e-Nutri%C3%A7%C3%A3o-Social-Editora-da-UFPB-2014.pdf#page=356</a> >. Acesso em: 10 out. 2022.	Stéfani

**Fonte:** Arquivos do Projeto de Pesquisa intitulado Educomunicação socioambiental e emergência climática: diálogos entre narrativas comunicacionais e educação popular (2022).

Já em 2023, as leituras avançaram para as temáticas: pesquisa participante, educação midiática, educomunicação e educação socioambiental, conforme apresentado na figura abaixo:

**Figura 2 - Cronograma de estudos 2023**

DATA	TEXTO	COMENTÁRIO
08.03.2023	PERUZZO, Círcia Maria Krohling; BASSI, Ingrid Gomes; SILVA JUNIOR, Carlos Humberto F. Diálogo em Paulo Freire nas interfaces com a comunicação popular e comunitária e a pesquisa participante. <i>Comunicação &amp; Educação</i> , ano. 27, n. 2, jul./dez. 2022. Disponível em: < <a href="https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/192916/188671">https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/192916/188671</a> >. Acesso em 02 mar. 2023.	Sara
23.03.2023	PEREIRA, Fabiana da Costa. Pedagogias de Paulo Freire: educando para a cidadania com protagonismo na comunicação. <i>Comunicação &amp; Educação</i> , ano. 27, n. 1, jan./jun. 2022. Disponível em: < <a href="https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/186628/178683">https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/186628/178683</a> >. Acesso em 02 mar. 2023.	Alexia
05.04.2023	OLIVEIRA, Thaiane Moreira de; SOUSA, Lumária Souza de. A educação midiática, diálogos e práticas possíveis com crianças no ambiente educacional da favela. <i>Comunicação &amp; Educação</i> , ano. 27, n. 2, jul./dez. 2022. Disponível em: < <a href="https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/190780/188673">https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/190780/188673</a> >. Acesso em 02 mar. 2023.	Emanuelle
19.04.2023	LUIZ, Thiago C.; SATO, Michèle. Educomunicação socioambiental no quilombo Mata Caval: narrativas e resistências de uma comunidade tradicional mato-grossense. <i>Comunicação &amp; Educação</i> , ano. 27, n. 1, jan./jun. 2022. Disponível em: < <a href="https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/181851/184043">https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/181851/184043</a> >. Acesso em 02 mar. 2023.	Stéfani
03.05.2023	SAGGIN, Lívia Freo; BONIN, Jiani A. Explorações teóricas para pensar as inter-relações entre educomunicação e comunicação comunitária. <i>Comunicação &amp; Educação</i> , ano. 26, n. 1, jan./jun. 2021. Disponível em: < <a href="https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/162684/173986">https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/162684/173986</a> >. Acesso em 02 mar. 2023.	Fabrício
17.05.2023	ROSA, Rosane. Epistemologias do Sul: desafios teórico-metodológicos da educomunicação. <i>Comunicação &amp; Educação</i> , ano. 25, n. 2, jul./dez. 2020. Disponível em:	Thiago

**Fonte:** Arquivos do Projeto de Pesquisa intitulado Educomunicação socioambiental e emergência climática: diálogos entre narrativas comunicacionais e educação popular (2023).



---

Após a leitura do texto, realizamos uma construção colaborativa em forma de fichamento, em um documento compartilhado, a fim de consolidar os pontos principais dos textos debatidos, de modo que pudesse ser utilizado por todos os membros em ocasiões futuras.

#### **4. Resultados e considerações**

O objetivo central deste trabalho foi identificar as aproximações entre a educomunicação ambiental e as premissas da pedagogia freireana. Dessa forma, esta pesquisa responderá ao seguinte problema: por que os parâmetros propostos por Paulo Freire sustentam o paradigma da Educomunicação?

Assim sendo, para elaboração deste estudo, aprofundamos os nossos conhecimentos nos temas: educomunicação, educação ambiental, educação popular e justiça climática, a fim de conceber uma discussão entre os autores que contemplasse também as nossas reflexões sobre os temas pesquisados.

A experiência do grupo de estudos no âmbito do projeto foi frutífera não só para que pudéssemos colocar em discussão os conceitos que tangenciam o projeto, em uma construção colaborativa e conjunta do conhecimento, mas também visando à pesquisa empírica que acontecerá, no segundo semestre de 2023, no Quilombo Mata Cavalu, mais precisamente na Escola Estadual Tereza Conceição de Arruda, situada na zona rural de Nossa Senhora do Livramento, município localizado a 50 quilômetro de Cuiabá.

As dinâmicas de estudo em grupo viabilizaram maturidade científica aos estudantes de graduação, progresso conceitual e reflexivo à mestranda e outros pressupostos didáticos, epistemológicos e metodológicos ao docente que coordena o projeto, tendo em vista o trabalho de campo a ser desenvolvido nos próximos meses.

Dessa forma, concluímos que há pontos de encontros entre a educomunicação, a abordagem ambiental e o pressuposto dialógico de educação freireano, que podem, em uma proposta de pesquisa empírica, moldar uma dinâmica capaz de articular os anseios e angústias de uma comunidade tradicional, em torno de um produto comunicacional genuíno que represente rebeldia e resistência ante a destruição ambiental.

---

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos R.; CORREA BORGES, M. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2008. DOI: 10.14393/REP-2007-19988. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>. Acesso em: 15 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Tradução: Rosiska Darcy de Oliveira. 16.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 48.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GIL, Antonio G. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MAPBIOMAS. **A cada ano, Brasil queima área maior que a Inglaterra**, s/d. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/a-cada-ano-brasil-queima-area-maior-que-a-inglaterra>. Acesso em: 04 jul. 2023.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Tradução: Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

NERY, Carmen; BRITTO, Vinicius. **Internet já é acessível em 90,0% dos domicílios do país em 2021**, 16 set. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34954-internet-ja-e-acessivel-em-90-0-dos-domicilios-do-pais-em-2021#:~:text=De%202019%20a%202021%2C%20o%20percentual%20de%20domic%C3%ADlios%20com%20conex%C3%A3o,%25%20para%2083%2C5%25>. Acesso em 15 ago. 2023.

PACETE, Luiz Gustavo. **Brasil é o terceiro maior consumidor de redes sociais em todo o mundo**, 09 mar. 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais-em-todo-o-mundo/>. Acesso em 15 ago. 2023.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling; BASSI, Ingrid Gomes; SILVA JUNIOR, Carlos Humberto F. Diálogo em Paulo Freire nas interfaces com a comunicação popular e comunitária e a pesquisa participante. *Comunicação & Educação*, ano. 27, n. 2, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/192916/188671>. Acesso em: 15 ago. 2023.

---

PONTES, Felipe. **Em 2022, Amazônia teve maior desmatamento em 15 anos, diz Imazon**, 18 ja. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-01/em-2022-amazonia-teve-maior-desmatamento-em-15-anos-diz-imazon>. Acesso em 15 ago. 2023.

RANGEL, Tauã L. V. Racismo ambiental às comunidades quilombolas. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 4, n. 2, p. 129-141, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/393/182>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SOARES, Ismar de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

SOARES, I. de O. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v19i2p15-26. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SORRENTINO, Marcos; TRAJBER, Rachel; MENDONÇA, Patrícia; FERRARO JUNIOR, Luiz A. Educação ambiental como política pública. **Educação e Pesquisa**, v.31, n.2, p. 285-299, mai./ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/WMXKtTbHxzVcgFmRybWtKrr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SOUSA, Angélica S. de; OLIVEIRA, Guilherme S. de; ALVES, Laís H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2336>. Acesso em 15 ago. 2023.

STUMPF, Ida R. C. Pesquisa bibliográfica. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

TORRES, Pedro H. C.; URBINATTI, Alberto M.; GOMES, Carla; SCHMIDT, Luísa; LEONEL, Ana L.; MOMM, Sandra; JACOBI, Pedro R. Justiça climática e as estratégias de adaptação às mudanças climáticas no Brasil e em Portugal. **Estudos Avançados**, v. 35, n. 102, p. 159-176, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/jhV4cTHNLKZgFmhjnNst4mh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2023.